

Geometrias do movimento

Prefácio

Gey Espinheira

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

ESPINHEIRA, G. Geometrias do movimento: Prefácio. In: NERY FILHO, A., *et al.* orgs. *Toxicomanias: incidências clínicas e socioantropológicas*. Salvador: EDUFBA; Salvador: CETAD, 2009, pp. 9-20. Drogas: clínica e cultura collection. ISBN 978-85-232-0882-0. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

Geometrias do movimento¹: Prefácio

Gey Espinheira²

Eis que o CETAD nos traz uma nova e importante contribuição para a compreensão da difícil condição humana quando se toma a relação das pessoas com as substâncias psicoativas. Em três blocos, o livro aborda os usos de substâncias psicoativas, a ação da clínica e a trajetória dos estudos e da abordagem da questão das drogas, na vida social, vencendo obstáculos de toda natureza, dentre os quais, a hipocrisia e os preconceitos das pessoas e de instituições oficiais. É um livro que pode ser lido de trás para a frente, a partir dos depoimentos de Antônio Nery Filho e de Claude Olievenstein, ponte Brasil-França na pesquisa, discussão e aprimoramento de serviços de atendimento a usuários de drogas.

Dos estudos científicos das drogas e de seus usos, como o minucioso ensaio do pesquisador Sérgio Vidal sobre a *Cannabis sativa* como um paradigma legal da redução de danos, aos caminhos que ligam à religião e rituais com substâncias psicoativas, de Edward MacRae, passando pelo exame detido da nova lei (nº 11.343/06) e de tantos outros olhares dos diversos autores, como a análise de Esdras Cabus dos espaços das drogas nas pessoas e na cidade, esta, vista como um organismo com subjetividade própria, como um ser existencial, com suas áreas de sofrimento, seus espaços cinzentos e aqueles outros iluminados e coloridos. Na cidade do Salvador, os lugares das drogas e os tempos desses lugares, considerando que um mesmo espaço, com seus movimentos, se modifica nos diversos instantes do dia ou da noite,

esses extremos luminosos que afetam as disposições das pessoas no jogo de luz e sombra e que leva às sombras iluminadas, assim como traz à luz o que se oculta no sombrio, no delírio.

Uma aproximação da medicina com a sociologia, com a antropologia e com o urbanismo, na compreensão da cidade como ambiente diversificado para uma diversidade de gente, na desigualdade da organização do espaço em que se vive diferentes estilos de vida e de possibilidades existenciais e, neles, os lugares e os tempos das drogas.

Novamente, se vai ao tema da religião como possibilidade de cura, pelo exame do uso da Ayahuasca, passando pela compreensão do que é estar doente, do alívio e da cura, do encontrar-se consigo próprio em condições de sofrimento e de distensão - o sagrado e o profano no jogo das superposições existenciais.

Emerge a relação de usuários de substâncias psicoativas com situações de violência - ou a violência das situações em que as drogas são evocadas como paliativo ou potencial para ação ou inação - sobretudo, em crianças e adolescentes, vidas em projeto e projetos de vida, no tumulto das vidas jovens em confronto com a necessidade e sob seus domínios, em vidas tumultuosas e tumultuadas, em relações assimétricas.

O controle social e institucional do uso de drogas e prevenção, também, é abordado, na análise histórica dos diversos modelos praticados e em prática, no mundo, inclusive aqueles que são recomendados pela ONU, das mudanças no quadro político brasileiro e dos novos valores da sociedade, muitos dos quais conflitantes e outros tantos complementares, destacando-se o programa de Redução de Danos, principal eixo na atual configuração da abordagem aos usuários de drogas como política de respeito ao indivíduo e sua subjetividade, à sua liberdade existencial e, ao mesmo tempo, a responsabilidade social do indivíduo em suas práticas de vida.

O respeito à “libertinagem luminosa” de que nos fala o filósofo Onfray, cuja tônica é permitir o prazer compartilhado sem egoísmos, um dar-se de si a outrem para ser recebido com a satisfação desse outro, outra, em uma comunhão “estética de nós”. Ele nos diz :

[...] é luminoso tudo aquilo que se opõe ao soturno: solares [solaire] a vida, o desejo e os prazeres cúmplices, a jubilação, a incandescência na vontade do gozo; solares a preocupação radiosa, cuidado exacerbado, a cortesia; solares a doçura e a delicadeza, a alma cavalheiresca e a polidez amorosa. (1996, p. 174).

Na sociedade dos indivíduos, a sociabilidade atinge sua forma mais elevada, quiçá, perfeita, no reconhecimento da liberdade existencial com responsabilidade social. Eis o que se poderia configurar como síntese da “redução de danos”.

Nas geometrias do movimento, chega-se ao lugar de “aonde ir” mas, também, àqueles em que o indivíduo se refugia, espaços difíceis e, por vezes, enigmáticos, de encontro e de desencontro do usuário com o/a analista. Vêm à tona os diversos olhares e mergulhos nas práticas exercidas, nos relatos de casos vivenciados, mostrando a diversidade do drama humano, quando se trata de sofrimento interior, daquelas dores de que fala o poeta: “[...] há dores que não doem, nem na alma /mas que são dolorosas mais que as outras.” (PESSOA, 1965, p. 186). Que são maiores que as dores, pois vêm sem que se saiba de onde e que também doem sem saber onde. Como o amor, para Camões:

Amor é fogo que arde sem se ver;
É ferida que dói e não se sente;
É um contentamento descontente;
É dor que desatina sem doer. (1975, p. 129).

O mesmo, em uma inversão, poderia ser dito do desamor, do abandono, da perda de si. Também, da impotência em chegar, mais uma vez, ao ponto mais alto, à experiência mágica que, um

dia, a droga proporcionou, mas que se recusa agora a se repetir, ficando a nostalgia daquele estado a que a alma foi elevada, fluutuante, e júbilos, a proporcionar emoções jamais repetidas. Ficou a persistência em buscar o que já não sente, mas a que está preso; uma necessidade tornada inelutável.

A alma em tumulto, a busca de alívio, o medo de encontrar-se, pois o que foi passagem para o prazer se torna, agora, fonte de sofrimento, até mesmo da perspectiva de não mais ser possível o prazer; e a vida como um encargo pesado, tornada insuportável, mas, vida, melhor diria, existência, dilacerada pelo que se sabe e pelo que é incógnito, pelo que se tem ou pelo que se perdeu, pelo que faltou para preencher o ser.

Os depoimentos dramáticos nos convocam para pensar a diversidade humana e a universalidade dos particularismos, o domínio da heterogeneidade sobre a tendência prática a se buscar um padrão e a ele reduzir a realidade, reduzi-la a um modelo que se explica e se experimenta. Mas esse não é o caso da toxicomania, em que cada indivíduo é absolutamente original, mesmo quando comunga uma mesma droga, como o álcool, e é tornado “alcoolista” pela sociedade e por si mesmo, por vezes, dissolvendo-se na generalidade da conotação que lhe é dada como uma identidade a superar todas as outras. Alienado de si, se aceita a ser o que faz; e o que faz como hábito o faz ser o que é; e vêm as alcunhas conceituais, pré-conceituais: alcoolista, maconheiro, sacizeiro, cocainômano, drogado, etc. Todas essas denominações levam o ser à marginalização, um outro efeito e consequência da relação com substâncias psicoativas de pessoas que se subordinam a elas, que ultrapassam a fronteira da “ebriedade” para o território cinzento da embriaguez, como nos disse Onfray em seu elogio ao vinho:

[...] Noé inventou o vinho, no qual Deus, em sua infinita seriedade e em sua eterna incapacidade de se alegrar, não

pensara ainda. Portanto, que nunca esqueçamos: a água é uma criação divina; o vinho uma dádiva do homem. (1996, p. 63).

A embriaguez do alcoólatra supõe um homem tornado objeto, incapaz, a partir de então de se abster de bebidas perturbadoras. Muitas vezes a sua dependência está relacionada a uma incapacidade de encontrar em si próprio o que permitiria o domínio, uma resistência às dores do mundo. A necessidade de consolo, impossível de satisfazer por força mentais, conduz com freqüência a pedir ajuda a substâncias psicotrópicas, carregadoras de alma, se me permitem uma distorção etimológica. Esse álcool é menos um sinal metafísico de uma riqueza do que testemunha de uma grande miséria, de uma pobreza de temperamento. (ONFRAY, 1999, p. 66).

Por que algumas pessoas usam substâncias psicoativas e não se deixam dominar por elas e por que outras são afetadas, de modo perverso, e, ao invés do prazer, sofrem e fazem sofrer suas afinidades eletivas? Somos iguais quando comungamos as mesmas emoções, porém, cada qual à sua maneira; somos iguais, mas em nossas diferenças, quando participamos de um mesmo projeto, mas, novamente, cada qual a seu modo. Portanto, diante de tanta singularidade, a Clínica é o lugar do singular, desse universal que é a singularidade do ser humano. Cada caso é único, mas pode ser categorizado, e o desafio é não deixar que a categoria de enquadramento ofusque o ser enquadrado, que a atenção se desvie do indivíduo para o caso, que o representa como a doença quando se apresenta ao médico mais que o ser que a sofre. São diferentes as “doenças” da alma, pois são intrínsecas a ela; são indivisíveis e inextirpáveis cirurgicamente.

Nos labirintos das almas, nos fluxos e refluxos dos encontros e dos afastamentos, profissionais e pacientes dialogam na busca de desvelamentos do oculto mas, também, da medicação, que alivia ou elimina a dor e leva ao esquecimento do sofrimento pela regulação bioquímica do ser.

Família e não-família, em situação de rua - do espaço íntimo ao espaço anônimo -, crianças e adolescentes em situações de risco e a relação com as substâncias psicoativas, mesmo nesses casos, cada pessoa é uma singularidade; por isso mesmo é que não são as drogas os problemas a serem enfrentados, mas as disposições para usá-las e a intensidade dos usos levada por essas disposições internalizadas. As drogas não podem ser tomadas como um mal em si mesmas, como causas, senão, de modo enviesado ou como o avesso da causa.

O atendimento ao usuário não significa apartá-lo das drogas, mas o desenvolvimento do sentido e do domínio da sua responsabilidade em sua prática com as drogas, caso não seja seu desejo privar-se delas. A “demonização” das drogas é mais que um erro, torna-se terrorismo, na medida em que se desvia do sujeito e o torna “coisa”; como são, de fato, as drogas. Este perde a condição de “pessoa” para ser o que usa drogas, logo, drogado, ou drogada. Saber por que, quando e como começou o uso e se deu continuidade a ele e a forma como usa; esse diálogo consigo mesmo, esse falar sobre algo que veio e ficou como parte de si mesmo provocando mal-estar, que pode ser possível com a interveniência do analista ou do psiquiatra. A Clínica, portanto, é o lugar aonde ir quando se sofre, quando se precisa ser acolhido.

E, por fim, dois médicos se encontram, não só, pessoalmente, mas nos caminhos com o mundo e no mundo, a abrir caminhos. Ambos falam de experiências de duas décadas lidando com aqueles e aquelas que sofrem em si e contra si os preconceitos, o estigma e a repressão da sociedade, por se entregarem, de alguma forma, ao uso de substâncias psicoativas. Ambos se comprometeram a construir políticas sociais para acolher essas pessoas e para falar a outras, mais numerosas, do que significam as substâncias psicoativas e os usuários delas.

Há, entre eles, a consciência de que as drogas fazem parte do mundo pós-moderno e se desviaram de pautas culturais, para se banalizarem na vida cotidiana, ainda que usuários ocasionais, lúdico-recreativos, mantenham pautas, a exemplo de festas, dentre as quais as *raves*. A invenção da *happy-hour* é sintomática da divisão do tempo entre o “sacrifício” do trabalhar e a busca do viver a descontração com a alteração do estado de consciência, como um descanso de si, da normativa da produção de bens e serviços, assumindo outras identidades no campo do lúdico e do prazer, dentre os quais, o sexual.

As drogas e a sexualidade se aproximam, se tocam, se complementam, se imbricam. Assim como a sexualidade transcende a função biológica de reprodução, tornando-se hábito, estilo e objetivo existencial, as drogas ofertam possibilidades de prazer e pelo prazer são procuradas e, por isso, não são pensadas enquanto tais, mas sim em suas faculdades oníricas. Os efeitos perversos são acidentais, como as mortes por overdose são raras e também acidentais, o que vale a declaração desses dois médicos do corpo e da alma: usa-se drogas para viver e não para morrer.

A trajetória do atendimento a usuários de drogas demonstra o amplo e profundo aprendizado de como esta questão é controlada e mobiliza diversos campos sociais, da política à economia e desta última para as formas de sustentabilidade da produção e distribuição de drogas, em todo o mundo, integrando povos e circuitos da economia, mobilizando recursos notáveis e, por serem ilícitas, criminalizadas, sustentando uma poderosa economia subterrânea que reage à repressão e à competição, com a banalização da morte. Atribui-se, hoje, ao tráfico de drogas a maior proporção de mortes por homicídio no país.

Sem medo, desafiando normas e contornando leis obtusas, esses dois personagens criaram pequenos e competentes gru-

pos de trabalho que deram uma nova dimensão a um problema que desafiava a inteligência humana toldada por uma redoma opaca, ossificada pelo moralismo social emanado das religiões, da justiça e da medicina, cada uma dessas fontes a disseminar o terrorismo antidrogas com a demonização delas.

A entrada em cena do HIV, pelo fato de que sangue, esperma e fluidos vaginais são meios de contaminação, ampliou a preocupação com usuários de drogas injetáveis e isso levou os pioneiros ao lugar aonde se encontravam esses usuários para trazê-los à responsabilidade social de seus usos. Até então, parecia ser verdadeira a crença de que essa gente era a escória humana, já apartada do mundo, pelo delírio e pela alienação de si do mundo real e, por isso, jamais participaria de qualquer ação coordenada em defesa da coletividade. Eles mostraram que usuários de drogas são pessoas comuns, cidadãs, quando se engajam em compromissos sociais, a começar com a responsabilidade social de si mesmos. O exame de resultados desses contatos reforçou e institucionalizou o Programa de Redução de Danos. Não foi fácil vencer a couraça dos preconceitos, que ainda é dura e opaca em relação à idéia da descriminalização das drogas e de uma educação para o consumo responsável. Mas, vamos a uma frase profética de Claude Olievenstein, em sua entrevista:

Cada sociedade precisa de paliativos químicos; para nós é o vinho, para você é a caipirinha ou a cerveja; acho que nos próximos dez anos assistiremos a dois fenômenos: primeiro, a legalização de drogas leves, disso, tenho certeza, e, segundo, a invenção, cada vez mais freqüente, de drogas sintéticas, mais modernas. Por exemplo, já existe a Ecstasy, que proporciona prazer, sem levar à dependência.

Profético, sem dúvida. Já não há consenso de que a liberalização das drogas seria um estímulo ao consumo. Diz Antônio Nery Filho, fazendo uma apreciação da trajetória do lidar com a denominada questão das drogas:

Agora, um médico um pouco mais lúcido, mais esclarecido, que reconheça o direito à liberdade, o respeito à doença, ao comportamento do outro, pode propor às pessoas que elas protejam sua vida de um modo mais eficaz. Não propor que não use drogas, mas que se proteja. Isto é, proteger a vida, reconhecendo que usar é um risco. A redução de danos vem daí.

É por esse mergulho no esclarecimento, essa abertura da via médica para se cruzar com as trilhas da sociologia, da antropologia, da história e da arte em geral, que o uso de drogas vai deixando de ser algo marginal para ser social, para o reconhecimento da cidadania do toxicômano, merecedor de atenção especial. Estes dois médicos, do corpo e da alma, abriram o caminho “Iluminista” neste campo e consolidaram uma política social que não poderá retroceder ao soturno. São eles “solares”, defensores da liberdade íntima do ser, do direito à subjetividade que o faz estar e ser no mundo.

Claude Olievenstein, pioneiro; Antônio Nery Filho, discípulo e mestre, e guia entre nós, propagaram, na Europa e nas nossas Américas, a nova visão. Dois profetas, dois transformadores de mundo em um campo que, de início, não dava nenhum prestígio, cujos “objetos” de tratamento eram seres desviantes e escória humana. Eles os trouxeram para a dignidade da condição humana, humanizaram o consumo de drogas e deram argumentos para que a realidade da legalização das drogas possa se efetivar; e, então, ficamos sabendo que o passado e o futuro estão no tempo presente, mas que forças sociais conservadoras tentam impedir que um novo processo civilizador se instaure: o da educação para o consumo químico e a vida como um compromisso com o prazer, sem que isso seja visto como um pecado.

O reconhecimento de uma ruptura aparece nas falas desses dois homens, aqui transcritas: a sociedade pós-moderna, do capitalismo tardio, já não se submete a nenhum estado de necessidade; por isso, não há nenhuma razão que impeça a tendência

à sociedade do prazer, como no passado do século XIX e XX se enalteceu a sociedade do trabalho. Na sociedade hedônica, a estética fala mais alto; é um retorno ao corpo, aos sentidos, aos prazeres que a sensualidade proporciona. O trabalho torna-se cada vez mais acidental e perde, assim, a centralidade do sentido existencial. Trabalho é meio, o prazer é o objetivo. As drogas dão prazer. O anestésico anula a dor. A vida é prolongada e a morte é mais suave, um acabar-se e não uma condenação aos círculos do Inferno ou a ascensão à monotonia tediosa dos Céus. A vida é enquanto se vive; a morte não pensa a vida e a vida só pensa a morte ao afirmar-se; a vida é pensada a partir dela mesma, como risco, como aventura, como o movimento do vaso chinês em perpétuo repouso, como nos comunicou o poeta T.S.Eliot³.

A convergência das ciências sociais com a médica e com o direito levou a uma nova concepção das drogas como produtos químicos, dos usos, como costumes sociais, naturalizando essa relação a partir do reconhecimento dos direitos humanos, dos direitos das pessoas de viverem e do sentido da existência para cada uma, em particular, com a responsabilidade social de si e da coletividade. São os ventos da democracia a varrer o autoritarismo em todos os campos da vida social.

Assumindo minha visão de mundo, da qual discorda Nery, respeitando seus argumentos e sem me confessar um otimista incorrigível, vejo o mundo de hoje mais leve, menos carregado de deveres e obrigações. As pessoas são mais livres do que em épocas passadas, repletas de epidemias, de assombrações, de demônios; e já não precisamos queimar feiticeiras, nem punir hereges, nem morrer pelas mãos da Dama Branca, em idade precoce, nem levar anjinhos ao cemitério, nem exilar os leprosos... ainda que se observem resquícios de tudo isso, aqui e alhures. Acima da necessidade, só precisamos ter poder aquisitivo e participar do mundo da superabundância.

Hoje, mais que antes, o tráfico de drogas proporciona riqueza, não requer longo investimento em capital social; por isso, é tão sedutor para todas as pessoas, de todas as classes sociais. Não interessa ao tráfico, a legalização; não interessa, também, aos moralistas. E a conclusão inevitável é esta: são os moralistas que sustentam os traficantes e o tráfico, a alta criminalidade do momento e a corrupção epidêmica. As drogas são coisas químicas, não são problemas, são parte da solução de problemas, até mesmo aqueles que Nery aponta como mais agudos no mundo atual: as incertezas, as angústias.

Notas

- ¹ Título inspirado no texto de Marlize Rêgo, “Toxicomania: Movimentos de uma clínica”, neste livro.
- ² Carlos Geraldo D’Andrea Espinheira. Sociólogo. Doutor em Sociologia pela USP. Professor e pesquisador do Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, dos programas de Graduação e Pós-Graduação em Ciências Sociais. Pesquisador associado ao Centro de Recursos Humanos (CRH-UFBA). Líder do Grupo de Pesquisa registrado no Diretório de Pesquisa do CNPq: “Cultura, cidade e democracia: sociabilidade, representações e movimentos sociais”. geyespin@ufba.br; gey.e@terra.com.br
- ³ “As palavras e a música podem alcançar/ o repouso, como um vaso chinês que ainda se move/ perpetuamente em seu repouso” [...], ou seja, que o fim precede o princípio, / e que o fim e o princípio sempre estiveram lá/ antes do princípio e depois do fim / e tudo é sempre agora...” (ELIOT, 2004).

Referências

- CAMÕES, **Sonetos**. Portugal: Livros Europa América, 1975, p. 129.
- ELIOT, T.S. **Obra completa; poesia**: quatro quartetos, Burnt Norton. Tradução e notas de Ivan Junqueira. São Paulo: ARX, 2004.

ONFRAY, Michel. Pour un libertinage solaire. In: ONFRAY, Michel. **Le désir d'être un volcan**. Paris: Grasset, 1996.

ONFRAY, Michel. Vias de acesso aos testículos: monumento funerário a Noé. In: _____. **A razão gulosa**: filosofia do gosto. Tradução Ana Maria Sherer. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

PESSOA, Fernando. Cancioneiro: há doenças piores que as doenças. In: PESSOA, Fernando. **Obra poética**. Rio de Janeiro: Aguilar, 1965.